

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

Maria Borges Antunes

**REFLEXÕES SOBRE A DIVERSIDADE NA ALFABETIZAÇÃO
A PARTIR DE UMA AVALIAÇÃO FONOLÓGICA**

Porto Alegre
2. Semestre
2016

Maria Borges Antunes

**REFLEXÕES SOBRE A DIVERSIDADE NA ALFABETIZAÇÃO
A PARTIR DE UMA AVALIAÇÃO FONOLÓGICA**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia - Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Beatriz Vargas Dorneles

Porto Alegre

2. Semestre

2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que, de alguma forma, compartilharam experiências comigo ao longo da minha vida. Em especial, aos meus pais Sérgio e Luiza, pelo incentivo diário e a força que me impulsiona e encoraja a enfrentar os desafios da vida, assim como minha irmã, Marjana, por ser também incentivadora e a minha melhor amiga. Agradecendo a vocês, incluo todas as pessoas da minha família e amigos que me acompanham e compartilham comigo alegrias e me fortalecem nas dificuldades. Sem vocês a minha vida não seria a mesma.

Dito isso, é inevitável não mencionar que ninguém cresce sozinho, pois aprendemos através da troca, da convivência, dos diálogos e das experiências que cada um nos proporciona. Por isso, agradeço as inúmeras oportunidades de aprendizagem com cada um dos colegas de profissão, de vida acadêmica e aos professores pelos quais passei ao longo da minha vida, pois nesta pesquisa há um pedacinho de cada um destes que com seus discursos, experiências e afetos trocados permitiram que eu refletisse sobre o meu fazer docente.

E por fim, com todas as honras possíveis, agradeço aqueles que me movimentam e são o motivo das reflexões deste trabalho, os quais me recebem com um sorriso todos os dias e são peça principal na minha profissão. Com todo o carinho e afeto possível, deixo o meu mais sincero obrigado aos alunos que passaram por mim ao longo da minha formação, pois todas as coisas que busquei e questioneei nessa trajetória têm como motivação o sucesso de cada um deles.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar as potencialidades de práticas pedagógicas envolvendo a consciência fonológica a partir de uma reflexão sobre a diversidade de ritmos de aprendizagem, através do teste sequencial de consciência fonológica (CONFIAS) elaborado por Sonia Moojen. O referencial teórico no qual se baseiam as discussões sobre o campo da alfabetização engloba os conceitos de Emilia Ferreiro, Ana Teberosky, Artur Gomes de Moraes, Luciana Piccolli e Patrícia Camini, além das contribuições para a reflexão sobre a diversidade de ritmos de aprendizagem através dos autores Ester Grossi, Beatriz Dorneles, Lluís Maruny Curto, Maribel Ministral Morillo e Manuel Miralles Teixidó. Para realizar esta pesquisa foi utilizada como ferramenta metodológica o teste CONFIAS, instrumento de avaliação sequencial de alunos de uma turma de terceiro ano do ensino fundamental de uma escola pública da rede municipal de Guaíba – RS. Partindo-se dos dados da primeira avaliação foram organizadas intervenções envolvendo a consciência fonológica como estratégia pedagógica para integrar alunos em diferentes níveis de aprendizagem. Após a intervenção, foi repetido o teste CONFIAS para análise dos resultados obtidos. A análise de resultados desta pesquisa indica que uma testagem e intervenção que priorizem a consciência fonológica podem trazer bons resultados em um curto período para os alunos em fase de alfabetização, demonstrando que pode ser uma estratégia eficiente desde que leve em consideração a compreensão das particularidades de cada grupo.

Palavras-chave: Alfabetização. Diversidade na Aprendizagem. Consciência Fonológica.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 REFERENCIAL TEÓRICO	7
3 REFLEXÕES SOBRE ALFABETIZAÇÃO	7
3.1 PROCESSOS COMUNS: NÍVEIS DA PSICOGÊNESE DA ESCRITA.....	8
3.2 CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA: NÍVEIS DE COMPLEXIDADE.....	12
4 A DIVERSIDADE EM SALA DE AULA	15
5 CAMINHOS METODOLÓGICOS	17
5.1 PROBLEMA DE PESQUISA	19
5.2 OBJETIVOS	19
5.3 CONTEXTUALIZAÇÃO DOS SUJEITOS.....	19
6 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS INSTRUMENTOS DE PESQUISA	21
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	34

1 INTRODUÇÃO

Nas salas de aula é comum encontrarmos dificuldades na organização das atividades pedagógicas, em relação à alfabetização, em razão da pluralidade de ritmos e hipóteses construídas pelas crianças ao longo do ano. Em minha prática cotidiana como alfabetizadora percebi que, ao utilizar métodos em que os alunos eram divididos por níveis de aprendizagem, por exemplo, os mesmos se questionavam – e me questionavam – sobre por que estavam realizando atividades diferentes uns dos outros, dispersando-se das tarefas propostas e, em alguns casos, gerando certo preconceito entre eles pela separação, pois os mesmos percebiam que as atividades tinham graus de dificuldade diferentes.

Em virtude de tais situações, resolvi então abandonar essa estratégia, e voltar a utilizar atividades iguais para todos. Porém, não percebi avanço em alguns alunos, que ainda apresentavam as mesmas dificuldades e se desmotivavam, por não conseguirem atingir todos os objetivos das atividades. A partir daí, surgiram novos conflitos, pois os alunos continuavam dispersos e não apresentavam resultados positivos, e mais uma vez reapareceu a necessidade de pensar a organização destas atividades. Assim surge o tema desse Trabalho de Conclusão de Curso: a diversidade em sala de aula.

Por isso, o **objetivo geral** deste trabalho de pesquisa é refletir sobre as práticas pedagógicas e suas possibilidades de lidar com a pluralidade de ritmos e níveis de conhecimento dos alunos em sala de aula, a partir das seguintes questões: *“Que alternativas pedagógicas podem ser utilizadas para integrar todos os alunos em fase de alfabetização considerando os diferentes níveis de aprendizagem, no trabalho em sala de aula? É possível que uma intervenção de curto prazo ajude as crianças a evoluírem na construção da consciência fonológica?”*. Portanto, como **objetivo específico** pretendo analisar se intervenções de curto prazo envolvendo a consciência fonológica podem trazer benefícios para os alunos.

Com esta necessidade de buscar informações sobre o tema, encontro Dorneles (2010), que menciona como historicamente o ambiente escolar foi pensado como espaço voltado para a homogeneização. Considerando-se a crescente oportunidade de acesso à educação, foi se construindo um novo ambiente escolar, em que se faz presente uma diversidade de alunos com suas particularidades e

ritmos diferentes, onde se torna um desafio manter a organização da prática pedagógica de forma homogênea sem considerar estes aspectos.

Considerando-se tal evolução histórica, é inevitável e previsível a presença da diversidade dos alunos em relação aos processos de apropriação do conhecimento, e tal situação deve ser considerada pelos professores no momento de organizar o seu trabalho, como uma riqueza em sua prática pedagógica. A diversidade enriquece o ambiente escolar e desafia a todos, professores e alunos, fazendo com que, sob a coordenação da professora ou do professor, os alunos criem alternativas para ajudar uns aos outros e - em alguns casos - problematizem as situações vivenciadas e discutam alternativas para solucionar problemas.

Portanto, busco através deste estudo encontrar alternativas para ressignificar a prática docente, valorizando os alunos e as suas produções de conhecimento nos diferentes níveis de aprendizagem em relação à alfabetização, procurando, principalmente, apresentar alternativas para que os alunos que se encontram desenvolvendo lentamente suas hipóteses possam produzir novas e mais avançadas hipóteses em relação à aquisição da língua escrita.

Consideramos importante valorizar as alternativas práticas que busquem auxiliar a construção de uma escola da heterogeneidade e da diversidade, sem que a multiplicidade de ritmos de aprendizagem encontrada em sala de aula seja um problema para os alunos e para o professor. E com isso, trago o questionamento: Como fazer da escola e da sala de aula este lugar que compreende a heterogeneidade e a diversidade, valorizando a construção do conhecimento?

Com base nos questionamentos aqui apresentados, pesquisei o desenvolvimento da consciência fonológica da turma de terceiro ano de uma escola pública municipal, na qual sou professora atualmente, através da Avaliação Sequencial de Consciência Fonológica e de atividades voltadas para desenvolver tal habilidade, alternativa que visa à valorização da construção do conhecimento, sem que a diversidade de ritmos de aprendizagem seja um problema.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Trago como referenciais teóricos que embasam minhas reflexões sobre o campo da alfabetização as obras de Ferreiro (1995), destacando a importância de conhecer os processos pelos quais passam as crianças em período de alfabetização; Curto, Morillo e Teixidó (2000) e Grossi (1990), que apresentam reflexões acerca das características de cada nível psicogenético, pesquisados por Ferreiro e Teberosky (1999), as quais destacam como as crianças evoluem no período de construção do sistema de escrita alfabética. Discutem-se também as possibilidades de intervenção que buscam integrar alunos com diferentes ritmos de compreensão do sistema de escrita com os autores acima, além de Piccoli e Camini (2012) e Morais (2012), para uma reflexão sobre a consciência fonológica na prática em sala de aula.

3 REFLEXÕES SOBRE ALFABETIZAÇÃO

Dentro desta pesquisa, é importante destacar as ideias apresentadas por Ferreiro (1995), nas quais ela defende que a alfabetização tem a finalidade de auxiliar na compreensão dos códigos da escrita, buscando que sejam apresentadas as representações destes códigos gráficos e sonoros que fazem parte da vida em sociedade e nos auxiliam na compreensão destes signos. Neste sentido, auxiliar os alunos é um dos desafios do fazer docente, pois dentro do ambiente escolar e nos primeiros anos de escolarização, este processo de construção do código de escrita faz parte da rotina e visa, através de diferentes práticas pedagógicas, trazer os alunos para o ambiente letrado. Com isso, é preciso ter o conhecimento de que este processo não se apresenta da mesma forma para todas as crianças, pois antes mesmo do ingresso no ambiente escolar, elas já buscam hipóteses de escrita, como é apresentado por Ferreiro (1995), que explica que, mesmo havendo essa diversidade de aprendizagens, há também processos que são comuns a todas as crianças, e que são estes aspectos que podem nos auxiliar na compreensão de como a criança aprende.

Por isso, compreender as características de cada hipótese apresentada pelas crianças durante este processo e atentar para as pistas dadas por elas ao longo dele, são situações de extrema importância para auxiliá-las a compreender a

natureza do sistema de representação da língua escrita. De acordo com os estudos realizados ao longo da graduação no campo da alfabetização, é de extrema importância destacar o quanto podemos analisar e constatar as características dos alunos, buscando interpretar suas hipóteses de escrita. Além disso, cabe o destaque da importância de compreendermos o que Ferreiro e Teberosky afirmam ao explicar que “as crianças elaboram suas ideias próprias a respeito dos sinais escritos, ideias estas que não podem ser atribuídas à influência do meio ambiente” (1995, p. 45).

Sendo assim, esta pesquisa tem como base a seguinte ideia central: a importância de conhecermos o modo de aprendizagem dos alunos e, assim, encontrar alternativas que auxiliem na prática em sala de aula, dando conta da diversidade de ritmos de aprendizagem, trazendo práticas que possam valorizar e motivar os alunos em seus diferentes momentos de aprendizagem.

3.1 PROCESSOS COMUNS: NÍVEIS DA PSICOGÊNESE DA ESCRITA

Ao pensarmos sobre o processo de alfabetização, é importante destacarmos os aspectos construtivos das representações feitas pelas crianças e buscar analisar sua preocupação com o que desejam representar através dos traços. Ao encontro desta preocupação, cabe pensarmos que “Do ponto de vista construtivo, a escrita infantil segue uma linha de evolução surpreendentemente regular, através de diversos meios culturais, de diversas situações educativas e de diversas línguas” (FERREIRO, 1995, p. 18). Sendo estes processos regulares, deve-se tomar conhecimento das características que diferenciam as escritas infantis as quais demonstram o quanto a criança está em um processo de construção de diferentes hipóteses de escrita.

Na obra de Curto, Morillo e Teixidó (2000) são apresentadas importantes características acerca de como a criança aprende e quais são os processos que ela passa até construir a hipótese da escrita alfabética, conforme as obras de Ferreiro e Teberosky (1999). Os níveis psicogenéticos serão apresentados a seguir, pois são conhecimentos de base importantes para os estudos de alfabetização, bem como ferramentas que auxiliam na elaboração do planejamento para a prática pedagógica em sala de aula.

a) NÍVEL PRÉ-SILÁBICO

As primeiras representações infantis podem ser através de rabiscos ou pseudoletas, que se baseiam muito nos exemplos de adultos, por isso podem ser contínuas, como a letra cursiva, ou separadas, como a letra bastão. Quando as crianças são inseridas em ambientes escolares tendem a abandonar tais representações na medida em que reconhecem que se usam letras para escrever, podendo ou não usar a mistura de letras e números.

Em seguida, as representações passam a outro nível, apresentando algumas regularidades como, por exemplo, usar as mesmas letras para escrever qualquer palavra, apenas mudando sua disposição ou preenchendo a página toda com letras. Sendo uma escrita sem controle de quantidade e também podendo representar a quantidade de letras ligando-a ao tamanho do objeto de referência, acreditando que para escrever URSO se usa mais letras do que para BORBOLETA, as crianças trabalham com uma ideia de correspondência global, vinculando imagem e escrita.

b) NÍVEL SILÁBICO

Neste processo há também as escritas silábicas, nas quais é representada uma letra para cada sílaba da palavra, podendo tais letras ser representadas de duas formas: a) Representações sem valor sonoro, em que não há uma correspondência com os sons da fala; b) Representações com valor sonoro, em que a criança estabelece uma relação com o valor sonoro de algumas letras. Em relação a este nível é importante compreender o salto evolutivo que a criança apresenta, como mencionam Ferreiro e Teberosky (1999), pois a criança supera a etapa de uma correspondência global e inicia uma hipótese de escrita que procura representar as partes sonoras da fala, no caso de escritas silábicas com valor sonoro convencional.

Neste nível pode haver um conflito cognitivo em relação à quantidade de letras, pois algumas crianças acreditam que não se pode ler uma palavra que tenha apenas uma letra, como, por exemplo, A para representar a palavra PÁ, elencando um número mínimo de caracteres para que uma palavra possa ser lida. Além deste, há também o conflito em relação às letras repetidas, não aceitando que a palavra CASA possa ser representada com "A A", pois palavras com letras repetidas não

podem ser lidas, a chamada hipótese de variação de caracteres. Essas hipóteses podem manter-se no nível seguinte e eventualmente podem ter aparecido antes.

c) NÍVEL SILÁBICO-ALFABÉTICO

Quando a criança constrói a hipótese silábica, começa a compreender a escrita e a acrescentar outras letras, passando pela transição, onde já representa algumas sílabas de forma alfabética, misturadas com representações do nível silábico. Nesta fase é importante o papel de auxiliar do professor, na compreensão das pautas sonoras, até alcançar o nível alfabético.

O nível silábico-alfabético é um importante momento de reflexão pelo qual a criança passa no processo de construção da escrita, pois este é o momento em que ela intensifica a reflexão sobre a escrita e supera os conflitos cognitivos do nível silábico, conflitos estes que a criança resiste muito em abandonar. Por isso, nesta fase é importante auxiliá-la, apresentando uma série de formas fixas e estáveis das palavras, pois são estas as informações necessárias para que as crianças neste nível superem suas hipóteses e compreendam o funcionamento da escrita alfabética. Em contrapartida “Quando o meio não provê esta informação, falha uma das ocasiões de conflito: por isso vemos as crianças [...] chegarem até o nível de hipótese silábica, mas não além disso.” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 217).

d) NÍVEL ALFABÉTICO

É neste nível que a criança representa as palavras com todas as letras, pois compreende que “cada um dos caracteres da escrita corresponde a valores sonoros menores que a sílaba e realiza sistematicamente uma análise sonora dos fonemas” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 219), podendo ou não apresentar equívocos ortográficos. Pois neste período a criança entende as regularidades da escrita e representa algumas palavras fora das convenções ortográficas, por exemplo, TÃPA para TAMPA ou MOXILA para MOCHILA. Então, é necessário que passemos a incentivar a criança a pensar sobre as convenções ortográficas, bem como são possíveis trabalhos com ênfase na leitura e compreensão de texto e no uso da escrita para diferentes tipos de textos.

Na medida em que reconhecemos a diversidade de hipóteses e a riqueza das representações infantis ao longo do processo de aprendizagem, precisamos nos preocupar em atender a todas as crianças e incentivá-las a pensar sobre o que escrevem, para que possam avançar em suas hipóteses e alcançar o nível de representação das palavras de forma alfabética. Porém, este é um grande desafio da rotina em sala de aula, visto que é preciso atender as crianças de uma forma que contemple a todas. Por isso trago a pergunta de pesquisa como um questionamento aos desafios que enfrentamos na sala de aula. A diversidade de ritmos de aprendizagens é natural e enriquecedora, visto que há em uma sala de aula crianças de diferentes contextos familiares e sociais, que chegam à escola trazendo suas especificidades em relação à vivência com o que vêem em relação à leitura e a escrita.

Então, nestes caminhos de pesquisa, encontro nas obras de Grossi (1990) o destaque à importância de usarmos tal diversidade de processos como um motivador para que os alunos avancem em suas hipóteses de escrita. A autora indica que a diversificação necessária para atender à diversidade não implica sempre em variações de tarefas.

A diversificação do foco de interesse didático para cada nível da psicogênese não implica necessariamente sempre a diversificação de atividades. Uma mesma atividade pode servir para alunos em qualquer nível do processo, contanto que ela englobe um espaço amplo de problemas e que o professor provoque diferentemente, com questões e desafios adaptados a alunos em situações desiguais dentro da psicogênese. (GROSSI, 1990, p. 51).

Encontro, então, nesta obra alguns elementos que encaminham as minhas intenções de pesquisa e, com isso, busquei através desta ideia central, realizar intervenções na turma de terceiro ano na qual sou docente, com a intenção de apresentar propostas baseadas nas sugestões de Grossi (1990), bem como de Curto, Morillo e Teixidó (2000) e analisar os resultados obtidos em uma turma de alunos em diferentes níveis de aprendizagem da língua escrita.

Para tal intervenção, o propósito é o de utilizar as mesmas atividades para todos, ampliando seu campo de problematizações, visando encontrar elementos motivadores para os alunos que não estão avançando em suas hipóteses de escrita e também para aqueles que já estão alfabetizados e agora precisam se sentir desafiados de modo a produzir melhor e reconhecer outros aspectos acerca da construção de produções escritas, os quais eles ainda não compreenderam.

3.2 CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA: NÍVEIS DE COMPLEXIDADE

Conforme já citado anteriormente, para auxiliar a criança ao longo de seu processo de alfabetização é importante compreendermos quais são as necessidades de cada aluno e de que forma podemos intervir para que este avance em suas hipóteses. Também é preciso pensar sobre os processos comuns, que envolvem os níveis psicogenéticos, e as estratégias que são necessárias e que podem contribuir para a reflexão linguística. Dito de outra forma, neste caminho de pesquisa encontro a importância de pensarmos estratégias para a sala de aula, em que seja possível reconhecer e refletir sobre os usos da escrita e suas características, de forma que os alunos tenham a oportunidade de problematizar as questões que envolvem nossa língua escrita, bem como tomar conhecimento de sua estrutura e funcionamento. Para embasar este aspecto é importante destacar as ideias que defendem o uso de estratégias de trabalho voltadas para o desenvolvimento da consciência fonológica, contribuindo para a aprendizagem do sistema de escrita alfabética, pois através da união destas propostas a gama de estratégias aumenta e assim possibilita que as intervenções possam ser mais ricas e eficazes.

Para compreender quais as concepções que pontuam tais ideias, encontro a obra de Morais (2013), um importante pesquisador neste campo, que defende a importância de utilizarmos a consciência fonológica para a reflexão sobre as partes da palavra, pois explica em sua obra que devemos conceber a consciência fonológica como um grande conjunto de habilidades que permitem a reflexão sobre as partes sonoras das palavras e seu estudo, bem como a obra de Piccoli e Camini (2012) que, como professoras pesquisadoras, pontuam como fundamental o exercício das capacidades que envolvem a consciência fonológica para a alfabetização, a qual abarca uma série de processos essenciais para a aprendizagem da língua escrita.

Com base nas obras dos autores acima citados e da concepção de que a consciência fonológica trata-se de um grupo de habilidades utilizados para exercitar a reflexão sobre as partes sonoras das palavras, apresentarei brevemente os três níveis de complexidade que caracterizam a consciência fonológica, de forma a colaborar para a compreensão do teste utilizado e para a organização das intervenções e estratégias apresentadas em sala de aula.

a) Nível 1: CONSCIÊNCIA SILÁBICA

“Habilidade de reconhecimento e manipulação da constituição das palavras por sílabas.” (PICCOLI; CAMINI, 2012, p. 104).

Ao desenvolver esta habilidade, a criança compreende que a palavra pode ser dividida em sílabas. Por isso identifica pela quantidade de sílabas que uma palavra é maior que a outra, além de ser capaz de identificar quando duas palavras começam com a mesma sílaba e compreender que ao suprimir uma sílaba de algumas palavras encontramos outras.

Estas habilidades devem ser desenvolvidas nos primeiros níveis da psicogênese, partindo do pressuposto de que alunos que estão no nível pré-silábico precisam ir além da hipótese de representar palavras de acordo com a correspondência de imagem e buscar estratégias para pensar a escrita de forma a assumir o pensamento silábico, que em um primeiro momento colabora com as problematizações necessárias para o avanço nos níveis de escrita.

b) Nível 2: CONSCIÊNCIA DE RIMAS E ALITERAÇÕES

“Habilidade de reconhecimento e produção de semelhança sonora ao final das palavras (rimas) e de reconhecimento e produção de fonemas semelhantes repetidos no início das palavras ao longo da frase ou verso (aliterações).” (PICCOLI; CAMINI, 2012, p. 109).

A criança consegue identificar palavras que rimam através das pautas sonoras ou identificar que o final das palavras é igual, além de perceber que palavras iniciadas com a mesma letra começam com o mesmo som, por exemplo, vela e vaca, começam com a mesma letra, portanto, com o mesmo som.

As rimas e aliterações são elementos muito presentes nas brincadeiras e cantigas populares, por isso o trabalho desta habilidade pode ser desenvolvido desde o início do período de alfabetização, entendendo-o como ferramenta importante para o desenvolvimento metalinguístico.

c) Nível 3: CONSCIÊNCIA FONÊMICA

“Habilidade de reconhecimento e manipulação de fonemas – as menores unidades sonoras da língua. [...] Envolve, por exemplo, a consciência de que um

fonema diferente pode alterar totalmente o sentido da palavra.” (PICCOLI; CAMINI, 2012, p. 112). Esta é a habilidade que representa a parte mais complexa da reflexão metalinguística envolvendo a consciência fonêmica, pois indica que os alunos compreendem e identificam a importância do fonema dentro da palavra, já que podem mudar seu sentido, além das habilidades de segmentar os fonemas e identificar a palavra ou separar a palavra em fonemas.

A habilidade de consciência fonêmica contribui para o desenvolvimento da criança no período de alfabetização, pela compreensão das pautas sonoras estáveis e pela construção de palavras no período alfabético, em que a criança já consolidou a hipótese de escrita e agora precisa pensar na ortografia das palavras.

4 A DIVERSIDADE EM SALA DE AULA

Como já apontado anteriormente, a diversidade de ritmos de aprendizagem em sala de aula é algo inevitável, visto que cada criança passa pelos processos comuns de aquisição da língua escrita a sua maneira, tendo como influências o meio em que vive suas experiências anteriores à escola e o seu próprio ritmo para superar os conflitos que este processo apresenta. Por isso, levando em consideração esta diversidade encontrada, é um desafio - mas não algo impossível - apresentar formas de valorização dos saberes de cada aluno, transformando suas hipóteses em caminhos para a construção de um conhecimento mais amplo sobre todas as coisas, sem que esta diversidade de ritmos de aprendizagem encontrada em sala de aula seja um problema para os alunos e para o professor.

Neste caminho, Grossi (1990) destaca o processo de aquisição do conhecimento como algo pessoal, partindo do pressuposto de que cada criança chega às suas hipóteses de maneira única, podendo trazer experiências que são anteriores ao processo de escolarização. Com isto, a autora problematiza a situação da diversidade em sala de aula, apresentando formas de orientar esse processo, mostrando os benefícios de uma prática em que todos trabalham em conjunto.

A proposta de pensarmos uma educação que reconhece a diversidade torna-se a base da prática pedagógica do contexto atual de sala de aula, visto que nossa sociedade é diversa e na escola não será diferente. Com as ampliações do acesso à educação escolar, ampliamos também a diversificação dos sujeitos que tem acesso a ela.

Portanto, precisamos entender as características do processo que cada aluno pode passar ao longo de sua alfabetização para que possamos intervir da melhor maneira, porém, não devemos fazer desta prática somente um ato individualizado para cada sujeito. Cabe ao professor compreender que:

Propor-se uma caracterização bem pessoal de cada aluno não implica que o ensino deva ser individualizado para ser eficiente. Muito pelo contrário, aprende-se em interação com os outros, e a riqueza das trocas entre alunos em níveis diferentes [...] não só é aceitável, mas desejável (GROSSI, 1990, p. 24).

Portanto, ao compreendermos a riqueza da experiência de proporcionar a interação de alunos em variados níveis de aprendizagem, podemos pensar em uma

prática mais integradora, que ensine para a diversidade, demonstrando com clareza aos alunos que todos têm capacidade de aprender e que podem avançar, afastando da sala de aula a ideia de fracasso.

Então, ao encontro das ideias de Grossi, podemos pensar da seguinte maneira “o objetivo não é que todos aprendam igualmente, isso seria impossível. O objetivo é que todos possam trabalhar reflexivamente e construir o pensamento coletivamente.” (CURTO;MORILLO;TEIXIDÓ, 2000, p. 73).

Nesta perspectiva, busco intervir junto aos alunos de forma que as atividades proporcionem estas interações, sem que se deixe de lado a compreensão do que é necessário a cada um, visando experienciar uma prática integradora.

5 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Os caminhos metodológicos escolhidos para a presente pesquisa estão baseados em características do estudo de caso de cunho qualitativo, que é um tipo de pesquisa muito utilizado em temáticas da educação, conforme menciona Ludke e André (1998) em sua obra *Pesquisa em Educação*. O estudo de caso será realizado junto às crianças da turma na qual sou professora, utilizando-se o teste de Consciência Fonológica - Instrumento de Avaliação Sequencial (CONFIAS), que será utilizado junto com o teste de níveis psicogenético, para nos dar um retrato do desenvolvimento do grupo nas habilidades testadas. A partir de tal avaliação, propostas didáticas do campo da consciência fonológica foram desenvolvidas, e se fez uma avaliação qualitativa de resultados, acerca da eficiência destas propostas.

Considerando as intenções de pesquisa, cabe ressaltar que o grupo no qual os estudos estão focalizados possibilitou uma imersão no cotidiano e também flexibilidade para realizar as propostas e analisar as questões em pauta. Estas características apontadas são importantes, pois vão ao encontro da ideia de que “o estudo de caso é o estudo de *um* caso, seja ele simples e específico, como o de uma professora competente de sala de uma escola pública, ou complexo e abstrato, como o das classes de alfabetização (CA)” (LUDKE; ANDRÉ, 1998, p. 17).

Para isto, a primeira estratégia utilizada foi a análise qualitativa do teste CONFIAS, material elaborado sob a coordenação de Sonia Moojen, que é mestre em educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e docente aposentada desta mesma instituição. É um instrumento de avaliação sequencial que possibilita a avaliação quantitativa e qualitativa da consciência fonológica, fazendo relação com as hipóteses de escrita descritas por Emília Ferreiro e Ana Teberosky, na obra *Psicogênese da Língua Escrita* (1999). Como mencionado anteriormente, unir o trabalho das habilidades de consciência fonológica às atividades de apropriação do Sistema de Escrita Alfabética é uma prática importante para o auxílio da organização e planejamento do fazer docente em sala de aula de uma alfabetizadora.

Cabe destacar que o teste é elaborado com base nas concepções de alfabetização recentes, conforme menção no caderno de apresentação do material, que destaca como consenso atual que “a Consciência Fonológica contribui para o sucesso da aprendizagem da leitura e escrita, enquanto que a aprendizagem de um

Sistema Alfabético contribui para o desenvolvimento da Consciência Fonológica.” (CONTENTE, 1984; TURNER e BOWEY, 1984; PERFETTI, BECK, BALL e HUGES, 1987 apud CONFIAS, 2003, p. 12).

O estudo realizado para construir este TCC se caracteriza como qualitativo pois “se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza na realidade de forma complexa e contextualizada” (LUDKE; ANDRÉ, 1998, p. 18). Considerando que as relações aqui apresentadas surgem de pressupostos teóricos previamente apontados, que se apresentam de forma aberta, buscando analisar atentamente as pistas indicadas através das intervenções realizadas no grupo pesquisado.

Além da aplicação do teste CONFIAS, foram elaboradas as intervenções que tiveram como base os estudos realizados sobre a importância da consciência fonológica. Em tais intervenções, buscou-se utilizar as reflexões metalinguísticas como ferramentas importantes para compreender as pautas sonoras da palavra, a fim de auxiliar os alunos que ainda não consolidaram estas habilidades, bem como buscar aprofundar os estudos com os alunos que já se encontram no nível alfabético de escrita.

Esta intervenção serviu como base para a análise das questões que são avaliadas no teste CONFIAS e que são apontadas pelos autores Morais (2012), Piccoli e Camini (2012) como habilidades importantes da consciência fonológica, que precisam ser trabalhadas no período de alfabetização, considerando-se que através destas atividades são possíveis práticas integradoras, pelo fato de terem em seu potencial a possibilidade de exploração para diferentes perfis de alunos. Com isso, escolhi utilizar intervenções lúdicas, que proporcionassem desafios e que permitissem o trabalho em pequenos grupos, duplas ou trios. Morais (2012) defende a importância de usarmos os jogos com palavras, que são atividades que convivem positivamente com as práticas de leitura e produção de texto no dia a dia escolar, e as propostas de Curto, Morillo e Teixidó (2000) e Grossi (1990) sugerem pensar a organização dos alunos por proximidades de níveis, pois estes autores partilham a concepção de que se aprende através da interação com o outro.

5.1 PROBLEMAS DE PESQUISA

“Quais as alternativas pedagógicas podem ser utilizadas para integrar todos os alunos em fase de alfabetização que se encontram em diferentes níveis de aprendizagem, no trabalho em sala de aula? É possível que uma intervenção de curto prazo ajude as crianças a evoluírem na construção da consciência fonológica?”

5.2 OBJETIVOS

a) Analisar o desenvolvimento das crianças em fase de alfabetização em relação à consciência fonológica e à aquisição do sistema de escrita alfabética, com práticas integradoras para auxiliar alunos em diferentes níveis de aprendizagem;

b) Identificar qual a potencialidade de uma intervenção fonológica de curto prazo em crianças no fim do ciclo de alfabetização.

5.3 CONTEXTUALIZAÇÃO DOS SUJEITOS

Como já foi dito, a testagem foi realizada na turma na qual sou a professora titular, buscando através do CONFIAS, uma nova ferramenta, reconhecer um pouco mais das particularidades deste grupo, para pensar intervenções que possam ser interessantes às necessidades deles, unindo as testagens de níveis psicogenéticos, já coletadas anteriormente, às análises das habilidades de consciência fonológica, que já são ou que necessitam ser desenvolvidas neste grupo de crianças que está na etapa de encerramento do ciclo de alfabetização.

O grupo utilizado para a pesquisa é uma turma de 3^o ano do ensino fundamental, de uma escola da rede municipal de Guaíba – RS, região metropolitana de Porto Alegre, que possui 28 alunos, sendo 11 meninas e 17 meninos, com idades entre 08 e 13 anos, de classe social entre média e baixa.

Este grupo de alunos faz parte do meu fazer docente desde fevereiro de 2016. Desde os primeiros contatos estive inquieta e reflexiva a respeito de como poderia trabalhar de forma integradora a alfabetização e aquisição do sistema de escrita alfabética, bem como auxiliar nas mais diversas questões que envolvem o social, emocional e as questões pessoais deste grupo.

Em relação aos níveis psicogenéticos, a distribuição dos alunos encontra-se da seguinte forma: 18 alunos alfabéticos, 7 alunos silábico-alfabéticos e 3 alunos silábicos. É importante destacar que entre os alunos alfabéticos foram contabilizados alunos alfabetizados e não alfabetizados, o que demonstra ainda mais uma particularidade em relação à diversidade que encontramos em sala de aula. Dentre estes alunos, os que foram escolhidos para realizar o Teste CONFAS são: 2 alunos silábicos, 5 alunos silábico-alfabéticos e 15 alunos alfabéticos, já que seria inviável realizar a testagem com todos os alunos devido ao curto espaço de tempo.

6 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS INSTRUMENTOS DE PESQUISA

Como já mencionado anteriormente, o instrumento de avaliação elencado para esta pesquisa foi o teste CONFIAS, pois ele se apresenta como um instrumento rico para a coleta de dados e que possibilita uma comparação com os níveis psicogenéticos em que cada criança se encontra no período de alfabetização, auxiliando na compreensão de como se caracteriza este grupo e quais as demandas que podem e precisam ser trabalhadas.

O material para testagem está organizado em 40 questões de Consciência da Sílabas, abrangendo os conhecimentos de: Síntese, Segmentação, Identificação da Sílabas Inicial e Medial, Identificação e Produção de Rima, Produção de Palavra com a Sílabas Dada, Exclusão e Transposição, bem como 30 questões de Consciência do Fonema, que solicitam as seguintes habilidades: Produção de Palavra que inicia com o Som Dado, Identificação de Fonema Inicial e Final, Exclusão, Síntese, Segmentação e Transposição. Para cada um dos conhecimentos mencionados são apresentadas de quatro a oito questões diferentes, contabilizando um ponto para cada resposta correta, obtendo como pontuação máxima o total de 70 pontos.

É necessário destacar que o CONFIAS foi realizado com 75% dos alunos, o que corresponde a 21 crianças da turma, tendo em vista que é um teste longo e exige uma disponibilidade de tempo para sua execução. Sendo curto o período destinado para a construção desta pesquisa, foram utilizados os critérios de agrupamento por níveis e escolhidos alunos distribuídos entre eles. O período destinado para esta parte do processo foi o final do mês de Setembro até o meio de Outubro, reservando 6 horas por semana para este trabalho, tendo em vista as horas de planejamento disponibilizadas pela escola.

Ao longo das testagens, foram computados os dados de acertos e erros de cada aluno, bem como seus comentários e estratégias, quando expostas, para que fossem possíveis as análises. A seguir são expostos os dados obtidos a partir desta primeira estratégia.

Tabela 1 – Erros e Acertos

SÍLABAS			FONEMAS		
Média de acertos	Nº alunos	(%)	Média de acertos	Nº alunos	(%)
35 – 40	10	47,6%	25 – 30	04	19%
30 – 34	05	23,8%	20 – 24	07	33,3%
25 – 29	02	9,5%	15 – 19	03	14,3%
Menos de 25	04	19%	Menos de 15	07	33,3%

Fonte: Elaborada pela autora, a partir do teste CONFIAS

Os dados apresentados na Tabela 1 demonstram que os alunos desta turma aparentam ter consolidado as habilidades que envolvem a Consciência de Sílabas, pois 47,6% deles já conseguem alcançar ou se aproximar do escore máximo de pontuação do teste. Também é importante mencionar que alguns alunos manifestaram, ao longo da aplicação do teste, que são “fáceis” as primeiras questões envolvendo a consciência da sílaba. Esta exposição demonstra o quanto a consciência silábica antecede a consciência fonêmica, e por isso gera essa sensação nos alunos.

No entanto, ao analisarmos as pontuações que envolvem a Consciência do Fonema, percebemos que há uma distribuição maior entre os alunos participantes desta avaliação, em que menos de 20% destes alunos conseguiram se aproximar do escore máximo deste nível. Os dados obtidos nos dois níveis do teste aproximam-se dos apresentados no material elaborado por Sonia Moojen, que também destacam a dificuldade dos alunos em fase de alfabetização de consolidarem algumas habilidades que envolvem a consciência do fonema. Conforme demonstra na Tabela disponibilizada no material do teste, representada abaixo, em que ela apresenta que o número mínimo de acertos que alunos no nível alfabético conseguem alcançar é de 15 pontos e o máximo de é de 26.

Tabela 2 – Mínimo e Máximo

	Mínimo		Máximo	
	Sílaba	Fonema	Sílaba	Fonema
Pré-Silábico	18	6	29	10
Silábico	23	6	32	12
Silábico Alfabético	27	12	36	18
Alfabético	31	15	40	26

Fonte: Material CONFIAS, por Sonia Moojen

Os dados apresentados vão ao encontro das ideias expostas por Morais (2012), que explica que mesmo os adultos “*super letrados*”, encontram dificuldades na identificação de fonemas isolados, por isso, neste nível, dificilmente encontraremos alunos que alcancem o escore máximo das questões que envolvem consciência fonêmica.

Pensando nestas constatações, é importante compreender que o ensino da consciência fonêmica isolado não é tão eficaz, mas que seu trabalho em conjunto com outras habilidades pode auxiliar as crianças a pensar sobre a construção do sistema de escrita alfabética e por consequência qualificar sua escrita.

Por isso, neste percurso de pesquisa, a visão abordada quanto à consciência fonológica não se reduz aos trabalhos voltados para atividades com fonemas isolados, mas no trabalho do conjunto de habilidades expostas por Piccoli e Camini (2012), pois as autoras indicam os três níveis: Consciência da sílaba, rimas e aliterações e consciência fonêmica, como auxiliares dos professores ao pensar um planejamento que possa abranger as necessidades em relação à construção do sistema de escrita. Ao encontro desta perspectiva, cabe destacar a exposição de Morais, que sugere:

Não reduzir consciência fonológica à consciência fonêmica parece-nos um bom princípio para entendermos como algumas habilidades fonológicas participam, efetivamente, da bela empreitada que é a reconstrução do alfabeto por cada aprendiz. (MORAIS, 2012, p. 89).

Através destas ideias, as intervenções pensadas para o grupo mesclaram as três habilidades de consciência fonológica, com o intuito de buscar auxiliar o aluno na construção do sistema de escrita, refletir sobre as partes da palavra e produzir suas hipóteses. Conforme esta reflexão, cabe o destaque para um bom exemplo utilizado por Sanchez (2004), que apresenta um raciocínio pertinente ao tema aqui

destacado, tratando da importância dos treinos fonológicos, aliado às propostas de compreensão do sistema de escrita.

As duas posições podem ser julgadas com maior clareza se as aplicarmos a uma situação da vida cotidiana: ensinar a jogar tênis. De acordo com a primeira posição, o aluno deve dominar primeiro os golpes e só depois jogar partidas de tênis. Essa não é seguramente uma proposta aceitável. [...] seria legítimo, portanto buscar uma posição mais integradora, como por exemplo, aceitar que um aprendiz de tenista deve envolver-se em atividades plenas de sentido (jogar partidas) que motivem atividades formativas mais descontextualizadas, nas quais deverá aperfeiçoar alguns movimentos com a raquete (praticar o revés em um paredão) (SANCHEZ, 2004, p. 107-108).

Por isso, mesmo entendendo que uma parte significativa dos alunos já possui consolidado o nível da sílaba, penso ser necessária esta intervenção, de modo que todas as habilidades sejam trabalhadas, sempre pensando na diversidade presente no grupo. É neste caminho que foram entendidas as concepções até aqui, “O objetivo é que todos possam trabalhar reflexivamente e construir o pensamento, coletivamente. Que ninguém se chateie, que ninguém se sinta fracassado nem marginalizado.” (CURTO; MURILLO; TEIXIDÓ, 2000, p. 72).

Então, pensando na importância do trabalho com a consciência fonológica em seus três níveis, foram propostas duas intervenções envolvendo a consciência silábica, além de duas propostas de exercícios com rima, uma para aliteração e uma para consciência fonêmica. Estas intervenções foram realizadas em 5 aulas, dos dias 20 a 26 de Outubro, e foram organizadas para desenvolver com os alunos propostas visando o trabalho coletivo, como já mencionado, utilizando as estratégias de jogo para integrar todos os alunos e conseqüentemente possibilitar uma reflexão mais ampla das potencialidades destas propostas de acordo com as diferentes necessidades do grupo.

Apresentadas as ideias que são as bases do estudo realizado, e os resultados da avaliação realizada, exponho através do quadro abaixo as intervenções escolhidas para esta pesquisa. Todas as propostas apresentadas foram contextualizadas com outras atividades realizadas em sala de aula, no período de intervenção, buscando explorar suas potencialidades.

Quadro 1 – Intervenções da Pesquisa

QUADRO DE INTERVENÇÕES	
Consciência Silábica	Rouba monte silábico. Afixar sílabas variadas sobre um baralho comum, de modo que cada carta tenha uma sílaba. Em grupos, cada criança iniciava o jogo com quatro cartas na mão, sendo que já deve haver uma carta sobre a mesa, onde será o local de descarte das cartas. Na sua vez, cada criança descarta uma sílaba, podendo pegar um monte de cartas da mesa para si, se conseguir formar uma palavra com a sílaba que está em cima do monte do adversário. Cada vez que termina as cartas que estão nas mãos das crianças, distribuem-se mais 4 cartas para cada uma, até terminar o baralho. Ganha o jogo quem tiver mais cartas no seu monte. (PICCOLI; CAMINI, 2012)
Consciência Silábica	Bingo dos Sons Iniciais. Atividade em dupla. Cada dupla recebeu uma cartela com seis palavras, então foram ditadas outras palavras que começavam com a mesma sílaba. Cada vez que encontrasse uma palavra que começasse com o mesmo “pedaço” que a palavra ditada, os alunos deveriam marcar na sua cartela. Vence quem completar a sua cartela primeiro. (FONTE: PNAIC)
Rima	A casa e o seu dono. Foi realizada uma leitura prévia do poema de Elias José pela professora. Após a leitura, os nomes dos animais foram retirados do poema e substituídos pelas imagens de cada um, para que os alunos pudessem montar e recortar o poema de acordo com a rima. (PICCOLI; CAMINI, 2012)
Rima	Caça-rimas. A atividade foi realizada em duplas. Cada dupla recebeu um número de fichas e deveria identificar o mais rápido possível as palavras que rimavam, com as fichas que tinham em mãos. O jogo terminou quando a primeira dupla de jogadores encontrou todos os pares de rima. (FONTE: PNAIC)
Aliterações	Exploração do livro “ABC e outros bichos”. Montagem de um novo abecedário para a turma: cada grupo recebeu algumas frases do livro, com a letra inicial suprimida e deveriam identificar a qual frase a letra pertencia, procurando identificar o som inicial. (PICCOLI; CAMINI, 2012)
Consciência Fonêmica	Loteria da palavra certa. Em uma folha, a professora dispôs em cada linha, três formas de grafar uma mesma palavra (uma correta e duas incorretas). As palavras tinham apenas uma letra diferente das outras, como, por exemplo, fonemas surdos e sonoros. Os alunos deveriam marcar um X na palavra que acreditam estar grafada corretamente. (PICCOLI; CAMINI, 2012)

Fonte: Elaborado pela autora

A primeira proposta foi o jogo Rouba Monte Silábico, que incentiva os alunos a “cantar” a sílaba da qual estão se desfazendo no monte do baralho, bem como formar palavras com as sílabas que possui. Esta dinâmica colaborou para que alunos em níveis como silábico e silábico-alfabético pensassem sobre os “pedaços” da palavra e identificassem que cada um deles é composto por mais de uma letra. Lembramos que Ferreiro e Teberosky (1999) indicam que os alunos em níveis silábicos e silábico-alfabético já possuem um conhecimento de que a escrita relaciona-se com a pauta sonora, porém ainda possuem conflitos que precisam ser superados, no caso, a constatação de que usamos mais de uma letra para registrar cada sílaba da palavra.

A dinâmica para este jogo foi organizada para que os alunos ficassem dispostos em pequenos grupos de no máximo 5 pessoas, em que um representante do grupo recebeu um envelope contendo as regras do jogo e também as cartas com sílabas. Antes que os alunos pudessem jogar em seus grupos, foram lidas as regras e feita uma rodada que todos deveriam assistir para compreender como proceder. Ao longo desta demonstração, foi incentivado que os alunos identificassem qual a sílaba que estava sendo apresentada e também que tentassem encontrar uma sílaba que pudesse formar uma palavra.

Ao longo da exploração, alguns alunos demonstraram entusiasmo e a vontade de formar palavras, às vezes, montando palavras que não existem. Este movimento colaborou para que todos pensassem sobre as sílabas mencionadas e as possibilidades de escrita palavras. É interessante notar que os grupos em que haviam misturados alunos silábico-alfabéticos com silábicos, a organização fluiu de maneira harmônica, onde os mesmos não pareciam estar preocupados em quem venceria o jogo, mas sim em pensar quais as palavras poderiam ser montadas, auxiliando uns aos outros. Este movimento que o jogo proporciona é enriquecedor, pois se cria uma dinâmica cooperativa nos grupos, de modo que todos estão atentos às sílabas mencionadas, além de pensar sobre suas possíveis combinações, para formar palavras que existam.

Já para o Bingo dos Sons iniciais, segunda proposta, os alunos foram organizados em duplas, possibilitando as trocas entre os pares. Eles deveriam buscar em suas cartelas palavras iniciadas com o mesmo som que a palavra sorteada pela professora, por exemplo, se sorteada a palavra BALEIA, os alunos que tivessem palavras como: BANANA e BALA poderiam marcar o ponto. Através desta intervenção, os alunos puderam perceber que palavras



Figura 1 – Bingo dos Sons iniciais

diferentes podem iniciar com a mesma sílaba. Cabe destacar que é um exercício que pode ser realizado por todos pela qualidade do material em que além da grafia das palavras, há o recurso de imagens que auxiliam os alunos nos momentos de associação. O bingo é também um instrumento rico e que possibilita variadas intervenções, desde a leitura das regras do jogo, até a conferência de cartelas, ditando as palavras marcadas para conferir se os colegas realmente venceram o jogo. Nesta perspectiva, de algum modo todos são desafiados, como defende Moraes (2012) ao comentar sobre o Jogo criado pela equipe do CEEL-UFPE¹ e distribuído como material do Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC).

É importante destacar que, ao longo da aplicação do jogo, muitos alunos perceberam as inúmeras possibilidades de palavras que podem ser escritas com a mesma sílaba inicial, mencionando nos momentos em que os colegas conferiam as suas cartelas ditando as palavras marcadas, que no jogo poderia haver outras palavras também com a mesma sílaba, por exemplo, quando sorteada a palavra PARAFUSO, os alunos com as palavras PAPAGAIO, PAVÃO e PATO marcaram ponto e disseram suas palavras em voz alta para que os demais colegas ouvissem,

¹ Centro de Estudos em Educação e Linguagem da Universidade Federal de Pernambuco, responsável pela elaboração dos materiais desenvolvidos no Programa do Governo Federal “Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa” (PNAIC).

então, um dos alunos que não havia marcado ponto em sua cartela disse que queria ter a palavra PASSARINHO para ganhar o ponto também.

Ao apresentar estas duas propostas de desenvolvimento da consciência silábica, busco atingir o objetivo de que o trabalho faça com que os alunos se mobilizem e busquem seus conhecimentos sobre as palavras que iniciam com a mesma sílaba, assim como mencionado por Moraes (2012) que apresenta a riqueza de trabalhos como estes em comparação com aqueles que apresentam de forma repetitiva exercícios de correspondência fonográfica. E as respostas dos alunos indicam que eles estão pensando sobre a escrita das palavras e buscando estratégias para resolver os desafios do jogo, movimento importante para a construção da escrita.

As intervenções envolvendo rimas possibilitaram ainda mais os princípios de produção de sentido para as atividades escolares, em que foi possível uma exploração prévia sobre o poema “A casa e seu dono” de Elias José, identificando as rimas presentes no texto e posteriormente buscando os pares de rimas no texto, colocando as imagens dos animais para cada verso rimado. Além desta, foi realizada a atividade de caça-rimas, que se propõe a incentivar os alunos a encontrarem os pares de rimas conforme as palavras são ditadas pela professora. Neste tipo de atividade, é possível desenvolver a habilidade que corresponde à identificação e produção de rima, correspondente a um dos níveis de complexidade da consciência fonológica, conforme Piccoli e Camini (2012) e que, além de desenvolver a identificação das pautas sonoras finais das palavras, possibilita a análise de que estas palavras terminam com grafias iguais ou parecidas.



Figura 2 – Caça-Rimas

O trabalho com rimas gerou muitas trocas entre os alunos. Ao executarem o caça-rimas, os alunos puderam discutir as estratégias dos colegas e explicar o que deveria ser pensado para encontrar a palavra que rima com a ditada pela professora, pois, em alguns momentos, os alunos buscavam palavras iniciadas com a mesma letra ao invés de buscar aquelas que terminavam com o mesmo som.

Observando o movimento dos colegas, outros que já tem esta habilidade consolidada explicavam como eles poderiam identificar a rima, repetindo os sons finais da palavra para que os compreendessem.

Em relação à exploração de aliterações, na busca pela dinâmica de proporcionar aos alunos momentos de leitura, além de pensarmos sobre a escrita, explorou-se o livro “ABC e outros bichos” de Mario Bag, que apresenta frases com aliteração para cada letra do alfabeto, colaborando para exploração das questões estáveis importantes para a consolidação do sistema de escrita. Para Morais (2012), o aluno necessita reconstruir algumas propriedades para se tornar alfabetizado, dentre elas estão a habilidade de compreender que diferentes palavras compartilham as mesmas letras, habilidade importante ao pensarmos em alunos que ainda não alcançaram o nível alfabético de escrita e passam por conflitos por acreditarem que uma letra seria apenas de uma determinada palavra.

Durante a leitura da história, os alunos deveriam ficar atentos e descobrir qual o segredo que estava escondido no livro, neste caso, que as frases de cada página tinham a mesma letra inicial para todas as palavras. Depois de finalizada a leitura, os alunos expuseram suas hipóteses sobre qual seria o segredo. Muitos deles identificaram que as frases estavam organizadas em ordem alfabética e posteriormente com a intervenção, perguntando “o que havia de parecido em todas as frases?”, dois alunos identificaram que dentro da frase todas as palavras começavam com a mesma letra, além de muitos comentarem que as frases eram “estranhas”, pois algumas não faziam muito sentido.

E por fim, a intervenção que compreende a habilidade mais complexa da consciência fonológica, que busca que o aluno reconheça que palavras são formadas por unidades menores que a sílaba, ou seja, fonemas. A atividade escolhida para os alunos é chamada de Loteria da palavra certa, que tem por objetivo que os alunos identifiquem dentre três opções qual seria a grafia correta para as palavras em destaque. Nesta intervenção foram disponibilizadas palavras diferentes, de acordo com os níveis de cada aluno, possibilitando que a mesma fosse mais proveitosa.

Neste caso, preocupando-me com a pluralidade de ritmos de aprendizagem, passo a compreender que a mesma atividade pode ser aplicada para todos os alunos, desde que com as suas devidas adaptações para a necessidade de cada

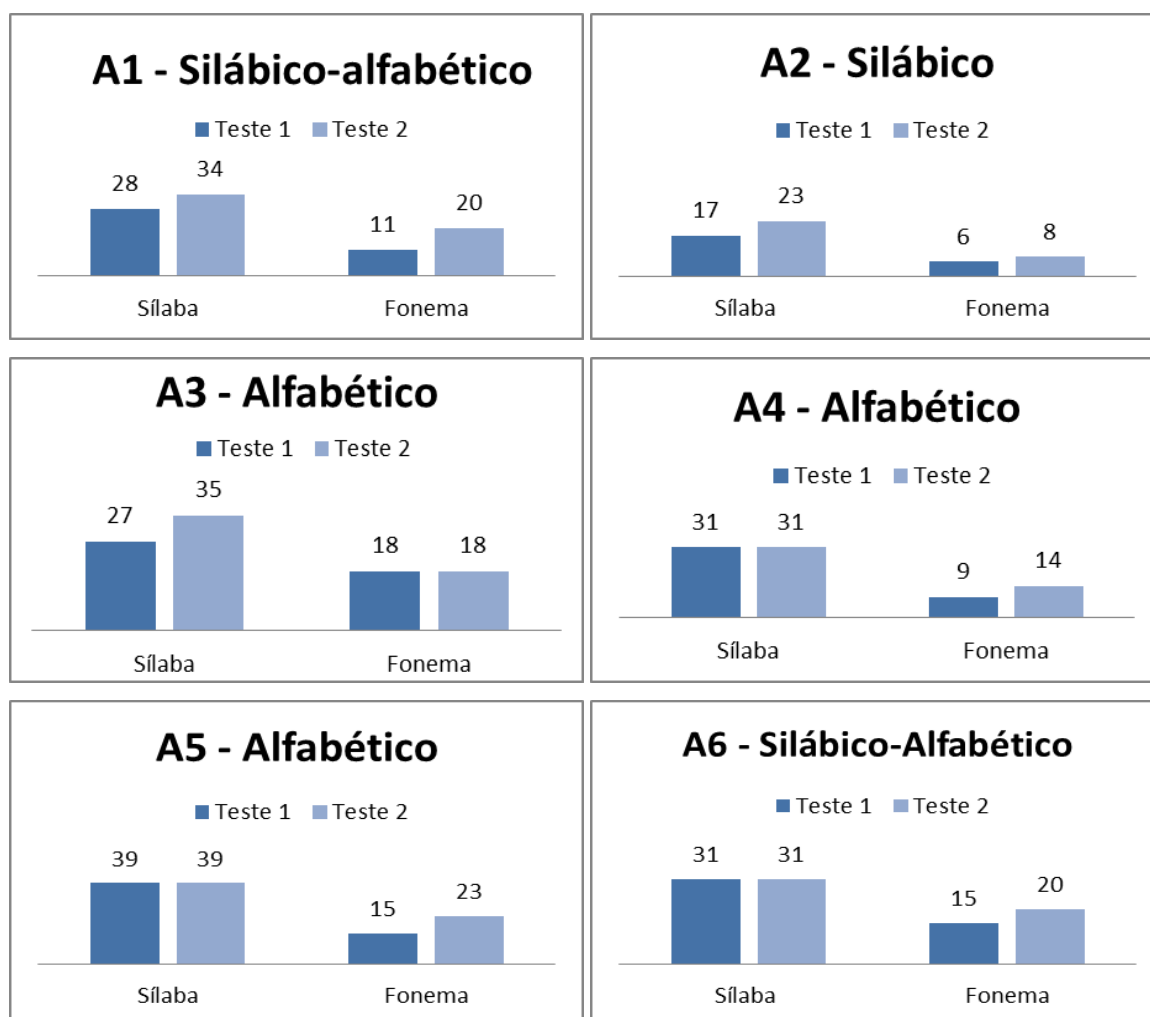
nível psicogenético, assim como defende Grossi (1990) ao exemplificar em suas obras a importância de reconhecer as particularidades de cada aluno e explorar seu potencial de acordo com as demandas de que ele necessita. Por isso, para alunos em níveis iniciais foram propostas palavras para identificar o fonema inicial e para alunos alfabéticos e alfabetizados as trocas de fonemas surdos e sonoros ou algumas formas estáveis de ortografia.

Os alunos envolveram-se na atividade de forma muito positiva, demonstrando interesse ao realizar a tarefa. Ao longo do período de exploração, um dos alunos percebe algo importante e divide com os colegas comentando “Professora, olha só, se mudar uma letra já muda toda a palavra!”. Este comentário foi uma importante descoberta e demonstra o quanto as brincadeiras desenvolvidas auxiliaram os alunos a pensar de forma prazerosa sobre a escrita, sem usar treinos repetitivos. Todas as intervenções propostas foram bem aceitas, e geraram alguma discussão importante para a reflexão de todos.

Em seguida, ao concluir as intervenções propostas, foram novamente analisados os dados da aplicação do teste CONFIAS, retirando os alunos que não haviam alcançado o escore mínimo correspondente ao seu nível psicogenético, chegando a quantidade de 9 alunos, distribuídos em 3 alfabéticos, 2 silábicos e 4 silábico-alfabéticos. Deste número foram retirados seis alunos para repetir o teste, a fim de constatar se houve mudanças nos números de acertos destes após as intervenções envolvendo a consciência fonológica. É importante destacar que foi elencado este número de alunos em virtude do tempo restrito que é destinado para a pesquisa, não sendo possível a análise de todos os alunos deste grupo e por isso foram escolhidos aqueles que apresentavam-se mais assíduos nas aulas, possibilitando que o teste fosse realizado.

A seguir estão apresentados os gráficos com os resultados comparados dos testes 1 e 2, dos alunos escolhidos. Nestes gráficos são apresentados os dados de acordo com a pontuação inicial e final dos alunos, sendo que onde as pontuações se repetem significa que, por ter alcançado um resultado de acordo com o seu nível, esta parte do teste não foi repetida.

Gráfico 1 – Gráficos de Resultados



Fonte: Elaborado pela autora

Ao analisarmos os gráficos apresentados é possível perceber que as intervenções realizadas de alguma forma atingiram os alunos, considerando que ao longo da segunda aplicação do teste estes alunos refletiram mais sobre as questões e também demonstraram utilizar estratégias para respondê-las: repetiam as palavras para identificar as sílabas inicial e medial, identificaram e produziram rimas com mais facilidade e, em alguns dos casos, reconheceram os fonemas iniciais e produziram palavras com eles.

Estas estratégias utilizadas pelos alunos, como repetir as sílabas após identificá-las para conseguir encontrar a resposta correta, além de pensar qual a letra que correspondia a determinado som dizendo, “/r/ é a letra R né?” demonstram que com as poucas intervenções realizadas, alguns alunos já conseguiram realizar relações que antes não faziam, demonstrando que de certa forma, já conseguem

refletir sobre as unidades menores das palavras, como a sílaba e o fonema, que são importantes habilidades para a construção do princípio alfabético e a reflexão sobre seu sistema. Assim como destacam as autoras ao mencionar a relevância de instigar os alunos através da consciência fonológica.

É importante promover situações em que a criança possa perceber relações da ordem UNIDADE MAIOR – UNIDADE MENOR, mostrando que elas existem em relação umas com as outras. [...] São situações como estas que proporcionam aos alunos colocar em funcionamento seus conhecimentos linguísticos para buscar respostas que a professora instiga por meio de desafios. (PICCOLI; CAMINI, 2012, p. 115).

Neste sentido, a utilização de estratégias envolvendo a exploração da consciência fonológica dos alunos em período de alfabetização demonstra ser um importante instrumento para atividades que envolvam todos os alunos neste período e também proporcionem avanços, pois estas habilidades testadas necessitam ser desenvolvidas e exploradas em sala de aula, oportunizando trocas entre os alunos para que eles possam vivenciar estes desafios e construí-las a fim de compreender a estrutura da língua.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

São muitas as reflexões possíveis após este período de pesquisa, pois ao longo das leituras e descobertas feitas até aqui fui refletindo e crescendo como profissional da docência, entendendo a importância de reconhecer e compreender a riqueza do pensamento das crianças e quais são as funções de uma professora para direcionar essa riqueza de saberes garantindo importantes avanços.

É nosso dever como docentes garantir que todas as crianças tenham acesso a uma educação de qualidade, com objetivos claros e específicos, utilizando-se dos conhecimentos de nossa formação para integrar todos os alunos e possibilitar reflexões sobre este sistema de escrita, que para nós, leitores, parece tão simples, mas para aqueles que ainda caminham para esta construção é misterioso e complexo.

Relembro, então, minhas questões de pesquisa que apontam os seguintes questionamentos: a) Que alternativas pedagógicas podem ser utilizadas para integrar todos os alunos em fase de alfabetização considerando os diferentes níveis de aprendizagem, no trabalho em sala de aula? b) É possível que uma intervenção de curto prazo ajude as crianças a evoluírem na construção da consciência fonológica? Para estas questões acredito ser importante ressaltar que é inevitável a diversidade de ritmos de aprendizagem e, por isso, fazer desta pluralidade um disparador para as tantas questões que envolvem a escrita é uma das estratégias mais desafiadoras e ao mesmo tempo eficazes no auxílio das crianças em período de alfabetização. Além disso, ressalto a importância de compreendermos estas demandas, reconhecendo em cada aluno quais são suas necessidades e conflitos, para, a partir deste contexto, organizar propostas qualificadas, eficientes e integradoras.

Por isso, utilizar estratégias pedagógicas envolvendo a reflexão das habilidades de consciência fonológica indica boas possibilidades de trabalho e também colabora no processo de construção do sistema de escrita alfabética, conforme demonstram os dados apresentados nesta pesquisa. Nesta perspectiva, as autoras Piccoli e Camini (2012) apresentam ideias interessantes a respeito dos questionamentos destes estudos realizados ao longo da pesquisa, demonstrando a importância de conhecer os alunos através de uma análise, seja dos níveis psicogenéticos ou de outras estratégias, e utilizá-la de forma benéfica para auxiliar

os alunos, pois mencionam que independentemente de quais as estratégias utilizadas para reconhecer as potencialidades de cada aluno, e apontem para a construção de metodologias de ação em sala de aula que possibilitem um bom desenvolvimento em relação à aprendizagem.

Sendo assim, auxiliar os alunos em seu processo de construção não é uma tarefa linear, pois cada realidade é diferente, o que indica que o estudo realizado aqui corresponde a um recorte de uma situação que apresentou benefícios a um grupo de crianças e que pode colaborar na reflexão sobre estratégias de outros docentes, mas não indica que seja a única alternativa. Uma testagem e intervenção que pense a consciência fonológica trouxeram resultados em um curto período para estes sujeitos, demonstrando que poderá ser uma estratégia eficiente desde que leve em consideração as particularidades de cada grupo.

Este processo é particular e cada professor em seu exercício de docência precisa se construir, reconstruir, significar, ressignificar e confrontar diversas maneiras de ser professor, sem esquecer que seu foco maior é como o aluno aprende e como é possível auxiliá-lo neste processo. É esta a ambição que deve existir e é o desafio ao qual estamos sujeitos como docentes ao longo de todo nosso percurso.

Em razão destas constatações e de compreender através dos estudos que muitas estratégias são eficazes se bem estruturadas e pensadas de acordo com a realidade para a qual os alunos estão inseridos, digo que esta pesquisa não se finda com este trabalho, pois este será tarefa constante na realidade docente e deve ser entendido em toda sua potencialidade como estratégia para compreender estes sujeitos para os quais nos dispomos a apresentar a cultura letrada, considerando sempre que “Não é a repetição que produz aprendizagem. É o estabelecimento de múltiplas ações que gera conhecimento” (GROSSI, 1990, p. 85). E com estas concepções buscar sempre utilizar estratégias de alfabetização que colaborem tanto para a compreensão do sistema de escrita de maneira construtiva, quanto através de intervenções que auxiliem os alunos na construção e reflexão sobre as pautas sonoras através da consciência fonológica.

REFERÊNCIAS

CONFIAS. **Consciência fonológica**: instrumento de avaliação sequencial. Sonia Moojen, (coordenadora). – São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

CURTO, Lluís Maruny; MORRILLO, Maribel Ministral; TEIXIDÓ, Manuel Miralles. **Escrever e Ler: como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-las a escrever e a ler**. Tradução por: Ernani Rosa – Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

DORNELES, B. V. **Educação igual para todos**. Pátio (Porto Alegre. 1997), v. XIV. P. 14-17, 2010.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões Sobre Alfabetização**. Tradução por: Horácio Gonzales (et al), - 24. Ed. Atualizada (Coleção Questões da Nossa Época; v 14), São Paulo: Cortez, 1995.

_____, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Tradução por: Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco, Mário Corso. – Porto Alegre: Artmed, p. 191-221, 1999.

GROSSI, Esther Pillar. **Didática da Alfabetização - Vol. 1. Didática dos níveis pré-silábicos** – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

_____, Esther Pillar. **Didática da Alfabetização - Vol. 2. Didática do nível Silábico** – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

_____, Esther Pillar. **Didática da Alfabetização - V. 3. Didática do nível alfabético** – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A.. Método de coleta de dados: observação, entrevista e análise documental. IN: LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A.. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, p. 25-44, 1986.

MORAIS, Arthur Gomes de. **Sistema de Escrita Alfabética**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

PICCOLI, Luciana; CAMINI, Patrícia. **Práticas Pedagógicas em ALFABETIZAÇÃO: espaço, tempo e corporeidade**. – Erechim: Edelbra, 2012.

SANCHEZ, Emilio. A linguagem escrita e suas dificuldades: uma visão integradora. In: COLL, C.; MARCHESI, Á.; PALÁCIOS, J. (Org.) **Desenvolvimento Psicológico e Educação: Transtornos do desenvolvimento e necessidades educativas especiais**. 2. Ed. Porto Alegre: Artmed, p. 90-112, 2004.